



Comentário Bíblico Exegético de 1 Samuel 6-12 (KJA)

Análise versículo a versículo com profundidade acadêmica e teológica, percorrendo os capítulos que narram desde a devolução da Arca da Aliança pelos filisteus até o discurso final de Samuel ao povo de Israel.

Jônatas Silva da Cruz — Teólogo

1 Samuel 6: O Peso da Arca para os Filisteus (6:1-6)

Os sete meses que a Arca da Aliança permaneceu em território filisteu constituem um período de intenso sofrimento e desorientação para aquele povo. O texto hebraico utiliza o termo **מַגֶּפֶה** (*maggephah*), que denota uma praga devastadora, demonstrando que a presença do objeto sagrado de Israel não era uma relíquia inerte, mas um símbolo vivo do poder soberano de YHWH. Cada cidade filisteia que recebia a Arca — Asdode, Gate e Ecom — experimentou destruição e enfermidade, revelando que o Deus de Israel não podia ser domesticado ou assimilado ao panteão pagão.

Diante da calamidade, os sacerdotes e adivinhos filisteus recomendaram uma **oferta de reparação** (*asham*): cinco tumores e cinco ratos de ouro, correspondentes aos cinco governantes filisteus. Essa oferta revela um reconhecimento tácito, ainda que relutante, do poder do Deus de Israel. A menção ao endurecimento do coração de Faraó (v. 6) mostra que os próprios filisteus conheciam a tradição do Êxodo, o que reforça o alcance da reputação de YHWH entre as nações circunvizinhas.

📖 **Nota exegética:** O número cinco está diretamente ligado à *pentápole filisteia* — as cinco cidades-estado de Gaza, Asdode, Ascalom, Gate e Ecom — representando a totalidade do domínio filisteu submetido ao juízo divino.

1 Samuel 6: O Teste das Vacas (6:7-12)

O expediente das vacas leiteiras constitui um dos episódios mais engenhosos do Antigo Testamento no que diz respeito à verificação da ação divina. Os filisteus propõem um teste empírico: duas vacas que jamais foram atreladas a um carro e que haviam sido recém-separadas de seus bezerros deveriam puxar a Arca. Se seguissem o caminho natural — retornando aos filhotes —, a praga seria atribuída ao acaso (*miqreh*). Se, porém, seguissem contra todo instinto em direção a Bete-Semes, ficaria comprovada a intervenção sobrenatural.

O resultado é inequívoco: as vacas seguem **diretamente** pelo caminho de Bete-Semes, mugindo pelo trajeto, mas sem se desviar para a direita nem para a esquerda. O verbo hebraico **יָשָׁר** (*yashar*) enfatiza a retidão do caminho, uma linha reta que elimina qualquer possibilidade de coincidência. Os senhores filisteus acompanham a cena até a fronteira, testemunhando pessoalmente a soberania de YHWH sobre a natureza.



☐ **Implicação teológica:** Deus utiliza elementos da criação para confirmar Sua vontade. O instinto natural é sobrepujado pela vontade divina, demonstrando que toda a criação está sujeita ao Senhor.

1 Samuel 6: A Chegada da Arca em Bete-Semes (6:13-21)

A chegada da Arca em Bete-Semes é inicialmente marcada por grande alegria. Os habitantes, que estavam ceifando trigo no vale, avistam o carro e celebram com sacrifícios e holocaustos. A grande pedra sobre a qual a Arca é colocada torna-se um altar improvisado — um gesto espontâneo de adoração que revela o profundo anseio espiritual de Israel pelo retorno da presença de Deus.

No entanto, a narrativa sofre uma virada dramática e sombria. Muitos habitantes de Bete-Semes **olham para dentro da Arca**, violando a santidade do objeto sagrado. O texto registra que o Senhor feriu setenta homens (o texto massorético traz o número de 50.070, cuja interpretação é debatida entre os estudiosos). Esse juízo severo sublinha um princípio teológico fundamental: a **santidade de Deus** não é negociável, e mesmo o povo da aliança não está isento das consequências da irreverência.

Alegria Inicial

O povo celebra o retorno da Arca com sacrifícios de gratidão e adoração espontânea ao Senhor.

Violação da Santidade

Ao olharem para dentro da Arca, os homens de Bete-Semes transgridem o mandamento sagrado de YHWH.

Juízo Divino

O Senhor fere os transgressores, demonstrando que Sua presença exige reverência absoluta.

O clamor do povo — *"Quem poderá estar perante o Senhor, este Deus santo?"* (v. 20) — ecoa a teologia do temor reverente que permeia toda a Escritura e aponta para a necessidade de mediação sacerdotal.

1 Samuel 7: O Chamado ao Arrependimento (7:1-13)

O capítulo 7 marca um ponto de inflexão na narrativa de Israel. Após vinte anos de opressão filisteia e letargia espiritual, Samuel emerge como a voz profética que convoca a nação ao **arrependimento genuíno**. O verbo hebraico **שוב** (*shuv*) — "retornar" — é central nesta passagem, significando não apenas uma mudança de comportamento, mas uma reorientação completa do coração em direção a YHWH.

As exigências de Samuel são claras e radicais: o povo deve abandonar os **Baalins** e as **Astartes** — divindades cananéias associadas à fertilidade e à prosperidade agrícola. A renúncia a esses deuses representava um sacrifício econômico e cultural significativo, pois a religião cananeia estava profundamente entrelaçada com a vida cotidiana. O povo, contudo, obedece: derrama água diante do Senhor em Mispá (um rito de humilhação e consagração), jejua e confessa publicamente seus pecados.

01

Convocação Profética

Samuel chama Israel ao arrependimento após 20 anos de afastamento espiritual.

03

Confissão e Jejum

Israel se reúne em Mispá para jejuar, derramar água e confessar seus pecados publicamente.

02

Abandono da Idolatria

O povo renuncia aos Baalins e Astartes, rompendo com a religião cananeia.

04

Vitória Divina

Deus responde com trovão e derrota os filisteus, confirmando a restauração da aliança.

1 Samuel 7: A Intercessão de Samuel e a Vitória (7:14-17)

Ebenézer: A Pedra de Auxílio

Samuel levanta uma pedra entre Mispá e Sem, nomeando-a **Ebenézer** — "Até aqui nos ajudou o Senhor." Este memorial físico serve como testemunho permanente da fidelidade de Deus e como lembrete para as gerações futuras.

O nome contrasta diretamente com a derrota anterior em Ebenézer (1 Sm 4:1), transformando um lugar de vergonha em monumento de redenção.

A intercessão de Samuel constitui o eixo central da vitória israelita. Enquanto o cordeiro de leite era oferecido em holocausto, Samuel clamou ao Senhor, e Deus respondeu com **grande trovão** (*qol gadol*) sobre os filisteus, confundindo-os e provocando sua derrota. A sequência é teologicamente significativa: primeiro o sacrifício, depois a oração, então a resposta divina.

Os versículos 14-17 descrevem o período de paz que se seguiu. As cidades tomadas pelos filisteus foram restituídas, e houve paz também com os amorreus. Samuel estabelece um circuito judicial regular — Betel, Gilgal, Mispá e Ramá — exercendo a função de **juiz itinerante** que administrava justiça e mantinha a coesão espiritual da nação. Sua liderança combinava os papéis de profeta, sacerdote e juiz, uma tríplice função que não se repetirá até o ministério de Cristo.

1 Samuel 8: O Pedido por um Rei (8:1-22)

O capítulo 8 representa uma das crises mais profundas na história da aliança entre Deus e Israel. Os anciãos da nação se reúnem em Ramá e apresentam a Samuel um pedido que transformará permanentemente a estrutura política e espiritual de Israel: **"Constitui-nos um rei para que nos governe, como todas as demais nações"** (v. 5). A expressão *kekhol-haggoyim* ("como todas as nações") revela o cerne da questão: Israel deseja conformar-se ao padrão político pagão, renunciando à sua vocação de ser um povo singular sob a teocracia direta de YHWH.

A resposta divina a Samuel é reveladora: *"Não é a ti que rejeitaram, mas a mim, para que eu não reine sobre eles"* (v. 7). Deus interpreta o pedido não como uma questão meramente política, mas como uma **rejeição teológica** — um ato de infidelidade que segue o padrão de apostasia desde o Êxodo.

Advertência sobre o Rei

Samuel enumera os "direitos do rei" (*mishpat hammelekh*): recrutamento forçado de filhos e filhas, confisco de terras e dízimos, e servidão generalizada. O povo, ainda assim, insiste em sua demanda.

Motivação do Povo

Os filhos de Samuel — Joel e Abias — julgavam com injustiça e aceitavam subornos, deslegitimando a sucessão natural. Contudo, a solução exigida revela um desejo mais profundo de segurança militar e identidade nacional.

Soberania Divina

Deus permite o pedido, demonstrando que Sua soberania opera mesmo através das escolhas imperfeitas de Seu povo, incorporando a monarquia ao Seu plano redentor.

1 Samuel 9: A Escolha de Saul (9:1-27)



A narrativa da escolha de Saul é construída com magistral ironia literária. Um jovem da tribo de **Benjamim** — a menor das tribos de Israel (cf. Gn 49:27; Jz 20) — sai à procura de jumentas perdidas e encontra, em vez disso, um reino. O texto apresenta Saul como **homem de boa aparência e mais alto que qualquer outro israelita** (v. 2), critérios externos que o povo valorizava, mas que se revelarão insuficientes para a verdadeira liderança.

O encontro entre Saul e Samuel é cuidadosamente orquestrado por Deus. No dia anterior, o Senhor havia revelado a Samuel: *"Amanhã, por volta desta hora, enviar-te-ei um homem da terra de Benjamim"* (v. 16). A linguagem hebraica utiliza o verbo **מָשַׁח** (*mashach*) — "ungir" — que carrega peso messiânico e indica a consagração para um ofício sagrado. Samuel recebe Saul com honra, reserva-lhe o melhor lugar no banquete e a porção especial da coxa — o pedaço destinado aos sacerdotes — sinalizando que a monarquia, embora concedida, permaneceria subordinada à autoridade profética.

- ☐ **Contexto histórico:** A tribo de Benjamim havia sido quase exterminada na guerra civil de Juízes 19-21. A escolha de um benjamita como primeiro rei demonstra a graça restauradora de Deus, que eleva os humilhados.

1 Samuel 10: A Unção e a Transformação de Saul (10:1-27)

A unção de Saul por Samuel é acompanhada de **três sinais proféticos** que confirmam a autenticidade da escolha divina. Esses sinais constituem uma progressão teológica cuidadosamente estruturada, revelando diferentes dimensões da nova vocação de Saul.

1º Sinal: Encontro em Selza

Dois homens informarão que as jumentas foram encontradas. Isso liberta Saul de sua preocupação terrena e o direciona para sua missão espiritual.

2º Sinal: Encontro em Tabor

Três homens subindo a Betel oferecem pães a Saul, simbolizando a provisão divina e o reconhecimento de sua nova autoridade.

3º Sinal: O Espírito do Senhor

Em Gibeá, Saul encontra profetas e o Espírito de Deus vem poderosamente sobre ele, transformando-o em "outro homem" (*ish acher*).

A expressão "**Deus lhe mudou o coração**" (v. 9) utiliza o verbo *hafakh*, que significa "virar, transformar completamente". Trata-se de uma capacitação sobrenatural para o exercício do poder. Contudo, quando Samuel convoca a assembleia em Mispá para a eleição pública, Saul é encontrado **escondido entre a bagagem** (v. 22) — um detalhe que revela insegurança e que prenunciará suas futuras dificuldades com a liderança. Ainda assim, a maioria do povo clama: "*Viva o rei!*", enquanto alguns "*filhos de Belial*" o desprezam.

1 Samuel 11: A Vitória de Saul sobre os Amonitas (11:1-15)

O capítulo 11 narra o momento decisivo que consolidou a monarquia de Saul. **Naás, o amonita**, sitia Jabes-Gileade e propõe termos humilhantes: arrancar o olho direito de cada habitante como sinal de vergonha sobre Israel. A crueldade da proposta serve como catalisador para a ação de Saul. Quando os mensageiros chegam a Gibeá, o Espírito de Deus vem poderosamente sobre Saul, e ele esquarteja uma junta de bois, enviando os pedaços por todo o território de Israel — um gesto que ecoa o episódio do levita em Juízes 19:29 e funciona como **convocação militar de emergência**.

A resposta é massiva: 300.000 de Israel e 30.000 de Judá se reúnem. Saul divide o exército em três companhias e ataca durante a vigília da manhã, dispersando completamente os amonitas. A vitória demonstra capacidade militar e liderança carismática, levando Samuel a convocar o povo a Gilgal para **renovar o reino**. Ali, Saul é confirmado publicamente como rei com sacrifícios pacíficos e grande celebração.

1

Ameaça Amonita

Naás sitia Jabes-Gileade com termos humilhantes

2

Capacitação do Espírito

O Espírito de Deus vem sobre Saul com poder

3

Vitória Militar

Israel derrota os amonitas de forma decisiva

4

Confirmação em Gilgal

Saul é confirmado como rei perante todo o povo

1 Samuel 12: O Discurso de Samuel e a Exortação à Fidelidade (12:1-25)

O capítulo 12 constitui o **grande discurso de despedida** de Samuel como juiz de Israel — um gênero literário recorrente no Antigo Testamento (cf. Josué 23-24; Deuteronômio 31-33). Samuel começa estabelecendo sua integridade pessoal: *"De quem tomei o boi? A quem oprimi?"* (v. 3). O povo testemunha unanimemente sua retidão, criando um contraste implícito com o tipo de governo que terão sob a monarquia.

Em seguida, Samuel percorre a **história salvífica de Israel** — desde Jacó no Egito até os juízes — demonstrando um padrão recorrente: pecado → clamor → libertação → esquecimento. A cada ciclo, Deus se mostrou fiel, mesmo diante da infidelidade do povo. O clímax retórico ocorre quando Samuel invoca trovão e chuva em plena colheita do trigo — uma estação normalmente seca — como sinal divino que confirma a gravidade do pecado de pedir um rei.

"Tão-somente temei ao Senhor e servi-o fielmente de todo o vosso coração; porque vede quão grandiosas coisas vos fez." — 1 Samuel 12:24 (KJA)

A conclusão de Samuel equilibra **advertência e esperança**: se o povo e o rei seguirem o Senhor, haverá bênção; se não, serão consumidos. Contudo, Samuel promete nunca cessar de interceder por Israel — uma declaração profundamente pastoral que revela o coração do verdadeiro líder espiritual.

Significado dos Tumores e Ratos de Ouro (1 Samuel 6:4-5)

A oferta de cinco tumores (*ophalim*) e cinco ratos (*akhbarim*) de ouro constitui um dos elementos mais intrigantes do ponto de vista histórico-cultural desta narrativa. No mundo antigo, era prática comum entre os povos do Oriente Próximo oferecer réplicas votivas dos males que os afligiam, buscando apaziguar a divindade ofendida. Essa prática é amplamente documentada na arqueologia mesopotâmica e egípcia.

Diversos estudiosos, como William F. Albright e Roland de Vaux, associaram a praga descrita com uma forma de **peste bubônica**. A combinação de tumores (inchaços nas glândulas) com a proliferação de ratos é clinicamente consistente com a transmissão da *Yersinia pestis* pelo rato-pulga. Se essa identificação estiver correta, temos aqui um dos registros mais antigos de uma epidemia de peste na história.



☐ **Teologicamente**, a oferta revela que os filisteus reconheciam o poder de YHWH, mas tentavam manipulá-lo segundo seus próprios paradigmas religiosos — um sincretismo que permeia toda a narrativa da Arca entre os pagãos.

A Importância do Arrependimento em 1 Samuel 7

O chamado ao arrependimento em 1 Samuel 7 não é um evento isolado, mas o resultado de um processo de vinte anos de maturação espiritual sob a liderança silenciosa de Samuel. O texto indica que *"toda a casa de Israel suspirava pelo Senhor"* (7:2) — o verbo נָהָה (*nahah*) sugere um lamento profundo, quase um gemido da alma, que precedeu o arrependimento formal.

1 Dimensão Coletiva

O arrependimento em Mispá não foi individual, mas comunitário. Todo Israel se reuniu, jejuou e derramou água — um rito de humilhação que simbolizava o derramamento de si mesmos diante de Deus.

2 Ruptura com a Idolatria

Não bastava lamentar; era necessário agir. A remoção dos Baalins e Astartes representava o rompimento com um sistema religioso que oferecia segurança ilusória.

3 Resposta Divina

Deus não apenas perdoou, mas interveio militarmente a favor de Israel. O trovão de YHWH contra os filisteus demonstra que o arrependimento genuíno libera o poder restaurador de Deus.

Aplicação contemporânea: A igreja que busca renovação espiritual deve seguir o mesmo padrão: reconhecimento honesto do pecado, abandono concreto das práticas contrárias a Deus, e confiança na resposta misericordiosa do Senhor. O avivamento sempre começa com arrependimento.

O Papel de Samuel como Juiz e Profeta



Profeta

Samuel recebe e comunica a Palavra de YHWH diretamente ao povo. Ele é o primeiro profeta a exercer influência nacional contínua desde Moisés, inaugurando a linhagem profética que culminará em Elias e nos profetas escritores.



Sacerdote

Embora levita e não da linhagem de Arão, Samuel oferece sacrifícios e intercede pelo povo. Sua função sacerdotal preenche o vácuo deixado pela corrupção da casa de Eli e pela destruição do santuário de Siló.



Juiz

Samuel percorre um circuito judicial regular — Betel, Gilgal, Mispá e Ramá — administrando justiça e mantendo a coesão tribal. Ele é o último dos juizes, encerrando uma era e inaugurando outra.

A convergência dessas três funções em uma única pessoa é singular na história de Israel. Samuel serve como **mediador completo** entre Deus e Seu povo, um tipo que aponta cristologicamente para Cristo, o Profeta, Sacerdote e Rei definitivo. Sua liderança é caracterizada pela integridade pessoal, pela oração incessante e pela coragem de confrontar tanto o povo quanto os reis.

A Monarquia em Israel: Expectativas e Realidades (1 Samuel 8)

O pedido por um rei levanta uma das questões teológicas mais complexas do Antigo Testamento: **a tensão entre teocracia e monarquia**. Por um lado, Deuteronômio 17:14-20 já previa a possibilidade de um rei, estabelecendo condições para seu exercício. Por outro, o pedido em 1 Samuel 8 é explicitamente condenado como rejeição da realeza de YHWH.

Motivação Política

O desejo por centralização do poder militar diante da ameaça filisteia constante. O povo busca segurança em uma liderança visível e permanente, em contraste com a liderança carismática e temporária dos juízes.

Crise de Sucessão

A corrupção dos filhos de Samuel legitima parcialmente o pedido, mas revela que o povo busca uma solução institucional para um problema espiritual — a falta de líderes piedosos.

Desejo de Conformidade

"Como todas as nações" — Israel rejeita sua singularidade vocacional. O povo quer um rei visível em vez de confiar no Rei invisível, trocando a fé pela vista.

Soberania Divina

Deus permite a monarquia e a integra ao Seu plano redentor. A linhagem davídica que surge desta concessão culminará no Messias — demonstrando que Deus opera até através das falhas humanas.

Saul: Um Rei Escolhido por Deus, mas Imperfeito

Perfil de Saul

Tribo: Benjamim

Pai: Quis, homem de posses

Aparência: Alto, belo, impressionante

Caráter inicial: Humilde, tímido

Capacitação: O Espírito de Deus transformou seu coração

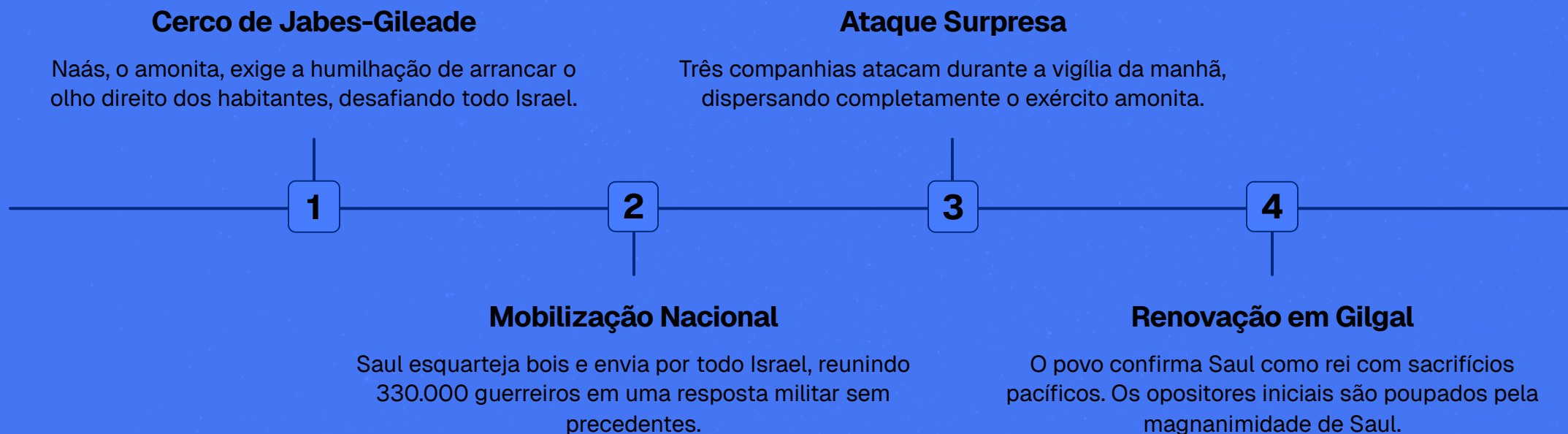
Fraqueza: Insegurança e tendência a agir por impulso próprio

Saul encarna o paradoxo da liderança humana diante da vocação divina. Externamente, ele preenche todos os critérios que o povo desejava: estatura imponente, linhagem respeitável e presença carismática. Internamente, porém, sua insegurança fundamental — evidenciada ao esconder-se entre a bagagem — revela uma fragilidade que se tornará fatal.

A unção de Saul foi acompanhada de uma **genuína transformação espiritual**: Deus lhe deu um novo coração e o Espírito Santo veio sobre ele poderosamente. Isso demonstra que o fracasso posterior de Saul não se deveu à falta de capacitação divina, mas à sua recusa progressiva em submeter-se à Palavra de Deus transmitida por Samuel.

A trajetória de Saul serve como **advertência perene**: os dons e a chamada de Deus não substituem a obediência contínua. O carisma sem caráter é uma fundação instável para qualquer liderança.

A Vitória Militar e a Legitimidade de Saul (1 Samuel 11)



A batalha contra os amonitas revela o padrão bíblico da **guerra santa**: a vitória não é mérito humano, mas resultado da capacitação do Espírito. O texto enfatiza que o **Espírito de Deus veio poderosamente sobre Saul** (v. 6) antes de qualquer ação militar. A ira santa que o moveu não foi temperamento pessoal, mas impulso divino.

Do ponto de vista político, essa vitória foi decisiva. Os *"filhos de Belial"* que desprezaram Saul em 10:27 agora são silenciados. A magnanimidade de Saul ao recusar vingança contra seus opositores (v. 13) demonstra maturidade e grandeza — qualidades que, tragicamente, ele não manterá nos capítulos subsequentes. A renovação do reino em Gilgal estabelece a monarquia sobre uma **base consensual**, unindo as tribos em torno de um líder comprovado.

O Discurso Final de Samuel: Fidelidade e Consequências

(1 Samuel 12)

O discurso de Samuel em 1 Samuel 12 é uma obra-prima da **retórica profética**, estruturada segundo o padrão dos tratados de suserania do antigo Oriente Próximo. Samuel estabelece primeiro sua própria integridade (vv. 1-5), depois recapitula a história da aliança (vv. 6-12), apresenta as estipulações da aliança renovada (vv. 13-15) e, finalmente, oferece um sinal confirmatório (vv. 16-18).

1	2
Integridade do Mediador Samuel convida o povo a testemunhar contra ele — e ninguém encontra falha. Isso estabelece a autoridade moral necessária para a exortação que se segue.	Recapitulação Histórica De Moisés e Arão aos juízes — Jerubbaal, Baraque, Jefté e o próprio Samuel —, Deus sempre levantou libertadores quando Israel clamou em arrependimento.
3	4
Aliança Condicional "Se temerdes ao Senhor e o servirdes... será bem; porém, se não derdes ouvidos à voz do Senhor, a mão do Senhor será contra vós" (vv. 14-15).	Compromisso Intercessório "Longe de mim pecar contra o Senhor, deixando de orar por vós" (v. 23) — Samuel redefine a liderança como serviço intercessório contínuo.

A relevância deste discurso para líderes contemporâneos é imensa: a integridade pessoal, o conhecimento da história redentora, a clareza na apresentação das consequências e o compromisso com a oração são marcas inegociáveis da liderança segundo o coração de Deus.

✧ CENA SIMBÓLICA

Samuel Orando com Israel Reunido em Gilgal

Esta cena representa o **ápice espiritual** de todo o ciclo narrativo de 1 Samuel 6-12: o profeta Samuel, de joelhos diante do altar, intercedendo por uma nação que oscila entre a fé e a rebelião, entre a teocracia e a monarquia, entre a obediência e o capricho humano. Ao redor dele, todo Israel está reunido — não como espectadores, mas como participantes de uma aliança renovada com o Deus vivo.

Gilgal, lugar onde Israel primeiro entrou na Terra Prometida sob Josué, torna-se agora o cenário da **transição de eras**. O período dos juízes se encerra; a monarquia se inaugura. Samuel, ponte entre dois mundos, entrega o governo político, mas jamais abandona seu posto de intercessor. Sua oração não é ritual, mas compromisso vital — *"Longe de mim pecar contra o Senhor, deixando de orar por vós."*

A imagem de Samuel orando em Gilgal permanece como símbolo eterno da **esperança renovada**: enquanto houver quem interceda, haverá possibilidade de restauração.

Conclusão e Considerações Finais

O estudo exegético de 1 Samuel 6-12 nos conduz por uma das transições mais significativas da história bíblica: da teocracia direta de YHWH à monarquia institucional. Ao longo desses capítulos, emergem lições teológicas permanentes que transcendem seu contexto histórico original.

Soberania Divina

Deus governa todas as coisas — desde vacas em um caminho até a ascensão de reis — e Sua vontade se cumpre mesmo através das escolhas imperfeitas de Seu povo.

Santidade Inegociável

A presença de Deus exige reverência. Os episódios de Bete-Semes e da praga filisteia demonstram que a graça divina não anula Sua santidade.

Poder do Arrependimento

O avivamento em Mispá prova que o arrependimento genuíno — coletivo e acompanhado de ação — libera o poder restaurador de Deus.

Liderança Fiel

Samuel permanece como modelo de integridade, intercessão e coragem profética — qualidades indispensáveis para todo líder espiritual.

Que este comentário sirva como instrumento de edificação, estudo e reflexão para todos os que buscam compreender as Escrituras com profundidade acadêmica e devoção sincera.

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo